

# Chissano declara-se disposto a reunir com a Renamo

Séc. Jb.  
20/2/90

Joaquim Chissano, presidente de Moçambique, indicou que o seu Governo está disposto a reunir-se com a RENAMO, desde que este movimento renuncie à violência. Chissano falava quinta-feira em Harare, no Zimbabué, no encerramento da conferência da Internacional Socialista, na qual apelaria ainda à comunidade internacional a ajudar de emergência Moçambique.

As afirmações do presidente moçambicano, Joaquim Chissano, sobre eventuais negociações de paz no seu país, prenderam as atenções da conferência que durante dois dias decorreu na capital zimbabwiana.

O encontro reuniu representantes de vinte capitais europeias e africanas. Entre os chefes de Estado presentes na conferência encontravam-se Robert Mugabe, do Zim-

babwé, Quete Mazir, do Botswana, Kenneth Kaunda, da Zâmbia, e Julius Nyerere, ex-presidente tanzaniano e actual líder do partido no poder. Da Europa, participou nos trabalhos o primeiro-ministro sueco juntamente com outros representantes de Partidos Socialistas. O encontro foi realizado para «reforçar as relações de solidariedade entre os partidos socialistas da Europa e da África».

O comunicado final condena o «sistema do apartheid» e apela «à assistência aos movimentos democráticos da África do Sul e da Namíbia e aos Estados da Linha da Frente».

Chissano afirmou que foi abordado pelo Governo sul-africano acerca de uma intervenção conjunta dos Estados Unidos e da União Soviética para uma solução do conflito em Moçambique. Chissano indicou que tal iniciativa de

paz foi sugerida pelo ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Pik Botha. O presidente moçambicano disse, na altura, que ainda não sabia qual a posição dos Estados Unidos e da União Soviética sobre o assunto, mas afirmou que o seu Governo está disposto a encontrar-se com os rebeldes desde que eles renunciem à violência.

Enquanto Chissano fazia estas surpreendentes declarações em Harare, o seu Governo fazia em Maputo um apelo para a ajuda de emergência. Em conjugação com as Nações Unidas, Moçambique fez um apelo para uma assistência da ordem dos 390 milhões de dólares. O ministro da Cooperação, Jacinto Veloso, indicou que 4,5 milhões de moçambicanos dependem agora de ajuda alimentar externa, «devido ao facto da guerra da Renamo ter deslocado todos os agricultores do país». (cont. pag. 20)

(cont. da 1.ª pag.)

De salientar que, alguns dias antes desta tomada de posição de Joaquim Chissano, em comunicado divulgado segunda-feira à noite em Lisboa, a Resistência Nacional Moçambicana dizia que «a paz em Moçambique depende única e exclusivamente do entendimento e compreensão mútua entre a Renamo e a Frelimo».

O comunicado da Renamo refere que «a África do Sul não é o país mais indicado para mediar negociações em Moçambique».

«O apoio militar e logístico que Pretória tem vindo a prestar ao governo de Maputo e as acções sistemáticas da África do Sul e Moçambique de que a Renamo é a única responsável pela guerra no País» são algumas das razões invocadas pela Renamo no referido comunicado «para não aceitar a mediação sul-africana».

Sobre este tema chamamos a atenção dos nossos leitores para o Editorial que publicamos na última página desta edição.